

Nuno da Luz**Transverberation****Inauguração: 7 Novembro, 22 h**

7 – 17 Novembro 2019

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13 h, 14 –19 h

Uma instalação de Nuno da Luz, na qual o fluxo luminoso na galeria é modulado pela discografia completa da compositora Norte-Americana Alice Coltrane. As luzes pulsam e tremeluzem de acordo com os ritmos e cadências de cada uma das suas canções, desde *A Monastic Trio* (1968) até *Translinear Light* (2004).

Na terminologia cristã, transverberação remete para um estado de intensa exaltação, próximo da perda de si mesmo, que implica ser atingido, literalmente ser perfurado, por um feixe ardente. Este fenómeno místico, mencionado em particular por Teresa de Ávila na sua autobiografia, serviu de tema para a famosa escultura de Bernini «O Êxtase de Santa Teresa».

Nesta sua instalação, Nuno da Luz encara a noção de transverberação mais como um termo composto, que permite associar os diferentes eixos que alimentam a sua pesquisa. *Reverberação* define, simultaneamente, um fenómeno óptico gerado pela reflexão de raios luminosos sobre uma superfície, assim como um fenómeno acústico, provocado pela persistência de sons em espaços fechados, após a emissão original se extinguir. Esta dualidade entre acontecimentos visuais e acústicos é conjurada aqui através de uma evocação sinestética da obra musical de Alice Coltrane (1937–2007), transformada em modulações lumínicas. Dessa forma, *Transverberation* inscreve-se numa longa tradição de obras que exploram os efeitos da variação de intensidade lumínica na nossa actividade cerebral. De forma semelhante aos casos de *Dream House* (1969, a funcionar em contínuo em Nova Iorque desde 1993), de La Monte Young e Marian Zazeela, ou de *Dreamachine* (1962), de Brion Gysin, o efeito de *transe* manifesta-se aqui de forma subtil, induzido por modulações, por vezes, dificilmente perceptíveis. Mesmo se a experiência mística e espiritual não se encontra nunca muito distante, esta instalação deve ser encarada, em primeiro lugar, como um canal que parte de estímulos electroquímicos para influenciar os nossos estados de consciência e a nossa percepção do espaço expositivo.

Esta dimensão ecológica remete-nos para uma outra linha de reflexão, aberta por esta instalação, e que diz respeito, de forma mais ampla, à presença cada vez mais forte da iluminação artificial ao nosso redor. No artigo «Revoir les étoiles, naissance d'une revendication» (2019), Razmig Keucheyan evoca o impacto nefasto da «poluição luminosa» sobre o meio ambiente e os metabolismos humanos

e não-humanos. O autor afirma que «Durante milhares de anos, os nossos antepassados viveram sem candeeiros de rua. No entanto, sem que isso seja uma necessidade vital, o nosso modo de vida e as actividades das quais não estamos ainda dispostos a abdicar, dependem em grande parte deles.»¹ Numa época em que, cada vez mais, somos levados a viver «dias permanentes», as flutuações de intensidade desta instalação constituem também um convite a questionar a instabilidade, a artificialidade e a desregulação dos nossos ambientes lumínicos.

Um poema intitulado «A Lady On Electric Lights»² publicado na revista satírica *Punch* em 1882, expressava já as reacções geradas pela electrificação das ruas e espaços públicos no final do séc. XIX. Durante os ensaios de uma peça de teatro numa sala recém equipada com iluminação eléctrica, uma actriz anónima evoca as suas preocupações em relação aos efeitos nocivos da iluminação eléctrica na saúde das actrizes. Estabelecendo um paralelo com o efeito da fotossíntese nas flores, e criticando os «homens da ciência» (*Men of Science*, no inglês original), a actriz pergunta-se como pode ainda mostrar o seu charme, quando o seu corpo e o de outras actrizes estão expostos à potência de tais raios luminosos.

Transverberation pode ser considerada como um convite para fechar os olhos e meditar sobre os meios para transformar ou transfigurar a nossa relação com a luz.

Joël Vacheron

1 Razmig Keucheyan (Agosto 2019), *Revoir les étoiles, naissance d'une revendication*, <https://www.monde-diplomatique.fr/2019/08/KEUCHEYAN/60157>

2 OH, cruel Electricity, that gives so strong a light,
In many an unprotected lamp you flashed supremely bright,
You shone upon our pretty gowns, illuminated flowers,
But all too ruthlessly lit up these pallid cheeks of ours.
Twas at the Horticultural, and ferns and flowers were there,
The beautiful gloxinias, and orchids passing rare;
They faced the incandescent lamps as erst they faced the sun,
While many a cheek grew strange of hue and felt itself undone.
And vainly Art aids Nature now in unobtrusive way,
This lamp malign of EDISON'S is worse than brightest day;
A veil may serve to screen from sun, but when in evening dress,
There's nothing twixt these awful lamps and female loveliness.
Then, Men of Science, you must aid and tell us, if you please,
How we shall make our charms withstand such glaring lights as these
For if the Ladies find these lamps still turn them pale and wan,
They'll lead a feminine Crusade 'gainst EDISON and SWAN!
—«A Lady on Electric Lights», (*Punch* 1882: 37)

Nuno da Luz**Transverberation****Opening: 7 November, 10 pm**

7 – 17 November 2019

Tuesday to Friday: 2–7 pm

Saturday: 10 am – 1 pm, 2–7 pm

An installation by Nuno da Luz where the luminous flux of the room is being modulated by the complete discography of North-American composer Alice Coltrane (1937–2007), with lights pulsing and flickering according to the rhythms and cadences of each song from 1968's *A Monastic Trio* to 2004's *Translinear Light*.

In Christian terminology, transverberation refers to the state of intense exaltation, close to losing oneself that supposes being struck, literally pierced, by a flaming beam. This mystical phenomenon, notably evoked by Teresa of Ávila in her autobiography, served as a theme for the celebrated sculpture by Bernini “The Ecstasy of Saint Teresa of Ávila”.

In his installation, Nuno da Luz takes the notion of transverberation more as a kind of portmanteau that allows him to associate the different axes that nourish his research. *Reverberation* defines, simultaneously, an optical phenomenon generated when luminous rays are reflected upon a surface, as well as an acoustic phenomenon provoked by the persistence of a sound in a closed space after the end of its original emission. This duality between optical and acoustic events is summoned through a synaesthetic evocation of Alice Coltrane's musical work, here transformed into luminous modulations. As such, *Transverberation* inscribes itself in a long tradition of works exploring the effects of varying light intensities on our brain activity. Like the *Dream House* (1969, ongoing in New York since 1993) of La Monte Young and Marina Zazeela or the *Dreamachine* (1962) of Brion Gysin, here the effects of *trance* manifest themselves in more subtle ways, through modulations barely noticeable at times. Even if the mystical and spiritual experiences are never very far, this installation must be taken as a channel in which electrical simulations influence our conscious state and our perception of the exhibition space.

This ecological dimension leads us on another path for reflection unfastened by this installation, touching broadly on the ever-increasing presence of artificial lightning. In the article “To see the stars again, birth of a reclamation” (2019), Razmig Keucheyan evokes the harmful effects of “luminous pollution” upon the environment and human metabolisms. He remarks: “For thousands of years, our ancestors lived without street lights. Yet, without it being a vital need,

our way of life and the activities which we are not ready to renounce depend greatly upon it”¹. In times in which we are increasingly living in “permanent daylight”, the fluctuations of this installation constitute equally an invitation to question the instability, artificiality and the deregulation of our luminous environments.

A poem entitled “A Lady on Electric Lights”² published in the satirical review *Punch* in 1882 already expressed the reactions provoked by the electrification of streets and public spaces in the nineteenth century. Whilst rehearsing in a theatre equipped with brand new electric lighting, an anonymous actress evokes her preoccupations against the harmful effects of the lights upon the actresses. Drawing a parallel between the effects of photosynthesis on flowers whilst denouncing the Men of Science, she asks herself how could their “charms withstand such glaring lights”.

Transverberation can be seen as an invitation to close the eyes and meditate upon ways to transform or transfigure our relationship with light.

Joël Vacheron

1 Razmig Keucheyan (August 2019), *Revoir les étoiles, naissance d'une revendication*, <https://www.monde-diplomatique.fr/2019/08/KEUCHEYAN/60157>

2 OH, cruel Electricity, that gives so strong a light,
In many an unprotected lamp you flashed supremely bright,
You shone upon our pretty gowns, illuminated flowers,
But all too ruthlessly lit up these pallid cheeks of ours.
Twas at the Horticultural, and ferns and flowers were there,
The beautiful gloxinias, and orchids passing rare;
They faced the incandescent lamps as erst they faced the sun,
While many a cheek grew strange of hue and felt itself undone.
And vainly Art aids Nature now in unobtrusive way,
This lamp malign of EDISON'S is worse than brightest day;
A veil may serve to screen from sun, but when in evening dress,
There's nothing twixt these awful lamps and female loveliness.
Then, Men of Science, you must aid and tell us, if you please,
How we shall make our charms withstand such glaring lights as these
For if the Ladies find these lamps still turn them pale and wan,
They'll lead a feminine Crusade 'gainst EDISON and SWAN!
—«A Lady on Electric Lights», (*Punch* 1882: 37)